

Introdução

Olhar a caminhada eclesial é perceber que a Igreja não utilizou uma linguagem homogênea ao longo da história. Ao contrário, no seu itinerário deparamo-nos com diversas línguas, variadas expressões que nasceram em diferentes épocas e contextos. Pluralidade que demonstra o desejo de alcançar seus interlocutores mediante uma palavra compreensível e dessa forma manter-se fiel à própria vocação e ao anúncio da Boa Nova.

O cenário atual não difere de outras épocas. A Igreja permanece interpelada pela inquietação diante da busca por uma comunicação mais eficaz. Por isso encontramos em seu interior diversas linguagens, manifestações religiosas, etc. Assim, é necessário habituar-se com a pluralidade. Não deve assustar a possibilidade de deparar-nos tanto com a linguagem clerical quanto com a laical inseridas no mesmo contexto eclesial. Assim como esbarrarmos com a língua tradicional da civilização cristã rural ao lado e no interior da expressividade das favelas e periferias urbanas.

Esta busca não está apenas limitada à transmissão da ortodoxia doutrinal, mas se insere no desejo de apresentação da própria identidade em diferentes contextos. No entanto, tal realidade não abarca apenas o discurso, mas, a partir dos cenários em que se insere, a Igreja percebe-se interpelada em seu testemunho. Com efeito, se partirmos dos desafios atuais constatamos que no interior da cultura pós-moderna, uma auto-apresentação da igreja que acentue o viés triunfalista típico de determinado modelo eclesial, será incapaz de dialogar com a identidade cultural que cerca as comunidades eclesiais e não alcançará a atenção dos sujeitos sociais contemporâneos. Certamente, seguindo este caminho, a ruptura estabelecida entre a Igreja e a sociedade teria, cada vez mais, suas dimensões alargadas.

Todavia, sensível a esta real possibilidade, desde o Concílio Vaticano II a escuta, o diálogo e o serviço ao entorno eclesial são estabelecidos como posturas fundamentais para o desenvolvimento da sua missão. É proposto, portanto, que a Igreja assuma a realidade que lhe cerca, para, a partir daí, configurar sua missão e, de certa forma, até mesmo, sua identidade.

Dentro deste impulso é inegável que alguns desafios foram assumidos pela Igreja. Aqui na América Latina, sobretudo mediante as conferências episcopais e através da utilização das ciências sociais, as desigualdades sociais foram enxergadas e denunciadas. A pobreza foi encarada como pobreza. Sem espiritualizações ou amenizações teológicas. Atitudes foram tomadas. Pastorais que correspondessem à situação foram criadas. Teologias foram desenvolvidas. A Igreja procurou estar ao lado dos mais pobres, defendendo suas vidas e seus direitos. Evidentemente isto não foi vivido sem dor e mesmo no interior dos ambientes eclesiais tal postura foi enxergada com desconfiança e ceticismo. Esta consciência está ligada à retomada realizada pelo Vaticano II da profunda vinculação entre a missão de Cristo e a missão da Igreja.

A comunidade cristã recuperava seu laço com os pobres. Este vínculo sempre esteve presente na história eclesial, porém apresentava marcas de certo esquecimento, relegado ao nível assistencialista de algumas instâncias e ordens religiosas. Evidentemente, não era possível para a Igreja negar o desafio da pobreza, mas sua dura realidade ficava adornada com diversas visões espiritualistas que, muitas vezes, coadunavam-se com interesses de determinado *status quo* dominante.

Na América Latina, as Conferências episcopais denunciaram, muitas vezes com contundência profética, tal realidade. Estas denúncias ecoaram nas instâncias eclesiais e repercutiram diretamente nos discursos e incentivos magisteriais, apesar de algumas ressalvas feitas. Temas como justiça, estruturas de pecado, pobreza extrema, defesa da vida, cultura e sub-cultura foram tomando lugar no interior da vida cristã. A Igreja quis com sinceridade assumir o rosto do pobre. Claro que tropeçou inúmeras vezes nas próprias pernas, mas não podemos fechar os olhos para o esforço hercúleo realizado por tantos cristãos na construção e defesa deste rosto, onde muitos entregaram a própria vida. Grande testemunho de uma Opção concreta que foi além do discurso e penetrou na existência, levada pelo sopro suave do Espírito, com força e vitalidade.

Contudo, a história seguiu seu rumo e outros desafios foram acrescentados. Novos paradigmas sócio-culturais surgiram revelando um momento epocal de transição. Novos areópagos, interlocutores, configurações sociais, fragmentação, secularização... Porém, no meio deste turbilhão de

novidades ainda existem antigas questões que, muitas vezes, podem passar despercebidas no interior dos novos ambientes que a Igreja é chamada a frequentar. Esta disposição para estar nestes ambientes condiciona a atualização de sua missão e a relevância que o anúncio eclesial obterá no seio da sociedade. Dentro destes desafios latentes que podem não chamar tanta atenção como antes encontramos, infelizmente, a condição de vida da maioria da população latino-americana.

Porém, a partir de minha experiência pessoal como morador de favela e agente de pastoral, percebo um incômodo silêncio eclesial acerca da pobreza. Os documentos atuais permanecem, em certo sentido, fiéis aos antecessores, mas ocorre certo constrangimento diante desta temática. E aqui se situa esta dissertação. Evidentemente os anseios são modestos e visam apenas rastrear o alargamento do conceito e do alcance da pobreza e as provocações que daí podemos haurir para a configuração eclesial e sua sacramentalidade. Por isso, no primeiro capítulo realizamos uma análise da atualidade da Opção Preferencial pelos Pobres, suas novas dimensões e a cruel realidade da exclusão social, que historicamente sempre existiu, mas recebe novas motivações e rostos, impulsionada pela globalização neoliberal.

O segundo capítulo é construído utilizando a concepção sacramental da Igreja abordada pelo Concílio Vaticano II e a abordagem utilizada por Gustavo Gutiérrez, um dos fundadores da Teologia da Libertação. Nascido no Peru, em 1928, ele vive e trabalha entre os pobres em Lima. Sacerdote católico, estudou na Universidade de Lovaina e Lyon e é Licenciado em Psicologia e Teologia. No movimento denominado Teologia da Libertação, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez ocupa um lugar em destaque. A ele deve-se a primeira obra sistemática de reflexão crítica a partir da práxis histórica da libertação em confronto com a palavra de Deus, acolhida e vivenciada na fé. A utilização das ciências sociais como instrumento de leitura da realidade para uma melhor inserção eclesial também foi defendida pelo autor. Este capítulo busca apresentar a vinculação entre o anúncio do Reino realizado por Jesus de Nazaré e a missão que a comunidade eclesial é chamada a realizar. Para isto, num primeiro momento, é abordada a intenção conciliar ao utilizar este termo em determinado contexto histórico-social. Com efeito, entender a Igreja como Sacramento da Salvação implica em uma mudança conceitual e,

consequentemente, estrutural. Aqui a sacramentalidade da Igreja não é entendida em sentido jurídico, mas remete sempre para a significação eclesial de uma realidade invisível que não pode ser encarcerada em suas estruturas e configurações visíveis. Esta perspectiva supera a visão eclesiocêntrica e insere a Igreja em um movimento de abertura diante da sociedade.

O terceiro capítulo nasce de minha experiência pessoal à mesa na comunidade eclesial e no trabalho pastoral com moradores de rua. Assim, analisamos o sentido da “comensalidade aberta” na vida de Jesus de Nazaré: sacramentalidade da mesa, alcance sócio-religioso, etc. Desta atitude de Jesus passamos às considerações acerca dos desafios que o paradigma da “Mesa do Reino” traz para a Igreja e sua sacramentalidade. Neste sentido, a comunhão com todos, mas, sobretudo, a inclusão dos insignificantes sócio-religiosos na mesa com Jesus, constitui sérias interpelações para as relações estruturais da Igreja. Desta forma, mediante esta dissertação, buscamos apresentar uma Eclesiologia a partir da Mesa. Porém, cômico da importância que a mesa possui no interior da Igreja e de seu denso sentido antropológico nas relações pessoais, sabemos que a presente pesquisa é apenas o primeiro passo e já expressamos, desde já, o desejo de que esta temática seja aprofundada em outro momento.